

Cidades são eternas

» ALDO PAVIANI

Geógrafo, professor emérito da Universidade de Brasília (UnB) e cidadão honorário de Brasília

Muitas cidades existem desde milênios e as mais antigas possuem diversas camadas ou restos de edificações antigas, como escavações revelam na Ásia, África, Europa e nas Américas. Algumas foram destruídas em guerras entre populações precedentes e foram reconstruídas sobre os cascos preexistentes. Os atuais habitantes podem aumentar os núcleos urbanos no sentido centro-periferia ou simplesmente edificar novos núcleos, quando surge a cidade que denominei polinucleada, como é o caso de Brasília.

Ela surgiu inicialmente com um centro, que seria a cidade-núcleo — o Plano Piloto com o abrigo das instituições federais, Executivo, Judiciário e Legislativo, formando um triângulo pensado para que, mesmo separados, estivessem próximos para total colaboração e entendimento. E foi assim concebida pelo notável urbanista e arquiteto Lucio Costa e inaugurada em 21 de abril de 1960 pelo então presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Esse presidente concretizou, intencionalmente ou não, o que seu antecessor Getúlio Vargas havia estabelecido como a Marcha para o Oeste, isto é, o desocupado vazio demográfico brasileiro ou o Centro-Oeste e o Norte pouco povoados do país. Esse seria o coroamento de ideia antiga de se povoar a hinterlândia para contornar ocupações indesejadas pelos que tinham um olhar para essas duas grandes regiões, coisa da geopolítica getulista, afirmam alguns. Na realidade, uma visão para gerenciar o futuro com o objetivo de que ocupar essas regiões pode evitar que o cobiçado território seja objeto da ganância por parte dos que já não

tenham mais terras a ocupar.

Voltando ao título deste escrito, pensa-se que, apesar de ser uma cidade jovem, Brasília está com a marca de ser eterna. Considera-se a capital do Brasil como cidade consolidada e firmemente fincada no Centro-Oeste. Ela fez avançar o povoamento e propiciou a expansão de Goiânia e de outras cidades da região. Não existem mais saudosistas que pensam o retorno das instituições federais para o Rio de Janeiro. Isso foi coisa dos anos 1960, mas a determinação de JK foi decisiva para a consolidação da ideia mudancista.

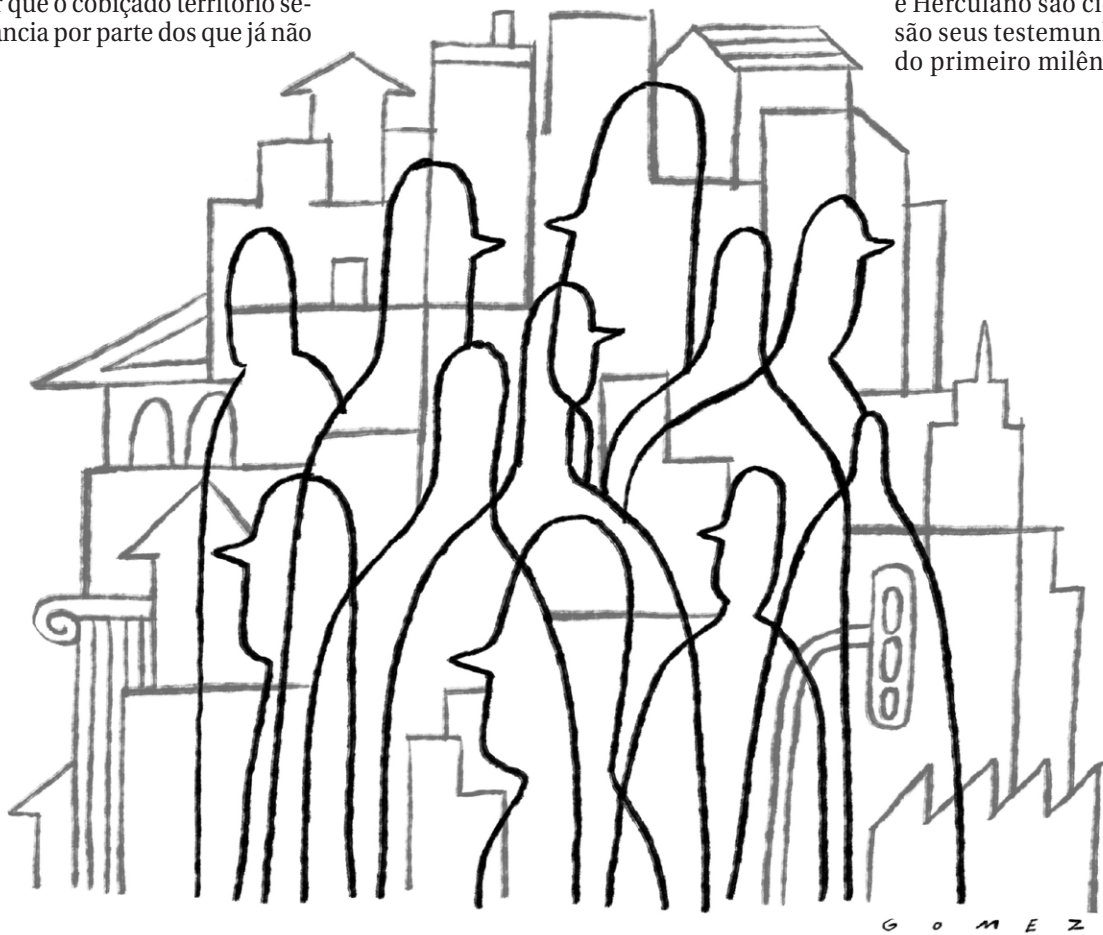
O ex-presidente jamais será esquecido, pois há inúmeros marcos e instituições que lembram seu nome: Aeroporto Internacional Juscelino Kubitschek, Ponte JK, no Instituto Histórico e Geográfico, há enorme fotografia de Juscelino sentado junto a uma árvore de porte avantajado, ao que parece próximo à estrada da integração, que é a Belém-Brasília. Essa é uma das rodovias BRs que JK implantou para ligar todos os pontos do território nacional, de norte a sul e de oeste a leste.

Todas absolutamente indispensáveis ao se tornar o Brasil um país rodoviário, abandonando as ferrovias, que perderam alguns ramos ao longo dos anos, embora seja um país continental. Grande território exigiria grandes trechos cortados por ferrovias para o transporte de cargas pesadas e de passageiros por longas distâncias. Nisso o Brasil não seguiu a Rússia, o Canadá, os Estados Unidos da América

entre outros grandes países.

Aliás, a colonização de largas porções territoriais em todos os continentes se fez por ferrovias, que, ao implantar os trilhos, foi disseminando vilas e cidades em seu percurso. Foi assim na Europa, Canadá, Estados Unidos, Rússia, China e outros países, inclusive na América Latina. Essas novas cidades foram irradiando em suas áreas de influência outros centros urbanos de importância e tamanhos diversificados. A menos que a ferrovia deixe de ser utilizada, essas cidades proporcionam o intercâmbio industrial, comercial, de serviços de utilidade para as respectivas populações, comércio e indústria. Permanecem como cidades históricas do desbravamento e de desenvolvimento por séculos e se transformam em cidades eternas.

Poucas cidades no mundo desapareceram ou foram destruídas por algum evento catastrófico, como Herculano e Pompeia, onde o vulcão Vesúvio verteu grande quantidade de lava soterrando ambas no ano de 79. Essa erupção foi uma das mais dramáticas ocorrências vulcânicas que se conhece. Todavia, na atualidade, as duas cidades são objeto da curiosidade de turistas que ainda observam vestígios da destruição, como corpos de casal abraçado ao perceberem a tragédia e viraram testemunhos petrificados pela lava e atração para visitantes e curiosos. Em razão do fatídico evento, a Itália resolveu fazer escavações e exumar os restos das antigas cidades destruídas pelo vulcão. Pode-se considerar, portanto, que Pompeia e Herculano são cidades eternas ou eternos são seus testemunhos do ocorrido no início do primeiro milênio.



O endividamento das famílias e empresas no DF

» ANDREA CABELLO

Professora e pesquisadora do ObservaDF

Os últimos anos foram bastante difíceis para a economia mundial e brasileira devido ao advento da pandemia da covid-19. Esses anos presenciaram o aumento da taxa de desemprego, a falência de negócios, queda da renda e aumento da inflação provocada pela interrupção de cadeias de produção, o que levou o mundo a severa crise econômica. Esses fatores não pouparam o Distrito Federal. Um dos efeitos dessa crise econômica se deu sobre o endividamento das famílias e empresas, já que o crédito é uma forma de suavizar variações de renda no tempo e de realizar planejamento para compras futuras.

O Distrito Federal apresenta uma estrutura produtiva um pouco diferente das demais unidades da Federação, com a predominância de um setor de serviços (deve-se lembrar que mais de 90% de suas atividades produtivas concentram-se nesse setor), pouca participação de setor agropecuário e um percentual relativamente alto de servidores públicos — ou seja, pessoas com renda estável mesmo em períodos de crise. Isso significa que o padrão de endividamento aqui também é diferente, com menor importância de endividamento voltado para setores com pouca participação local, como setor agropecuário, conforme mostra pesquisa realizada pelo Observatório de Políticas Públicas do Distrito Federal, o ObservaDF.

Atualmente, segundo dados da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do

Consumidor (Peic), o percentual de famílias endividadas no país aproxima-se de 80% e 30% da renda das famílias é comprometida com dívidas. Além disso, cerca de 30% das famílias têm dívidas em atraso e aproximadamente 10% não terão condições de pagar essas dívidas em atraso. Isso sugere que, no país, a renda e as despesas mensais são fortemente comprometidas por um processo de endividamento.

De um modo geral, em relação ao endividamento das famílias do Distrito Federal, a pandemia provocou efeitos principalmente em endividamentos de curto prazo, permitindo maior estabilidade para os mecanismos de longo prazo, como, por exemplo, o crédito habitacional.

Observou-se, por exemplo, que a existência de vínculos empregatícios mais estáveis no DF permite que suas famílias façam uso de mecanismos de endividamento com custos menores, como o crédito habitacional e o empréstimo com consignação em folha, já que esses tipos de endividamento predominam entre as dívidas das famílias. Além disso, parece haver também um caráter pró-cíclico para o endividamento via cartão de crédito, voltado para despesas do dia a dia.

Em outras palavras, quando as taxas de desemprego e demais indicadores macroeconômicos da economia vão mal, o valor da carteira de endividamento em cartão de crédito tende a se reduzir. Assim como o padrão de endividamento das famílias é

influenciado pela estrutura produtiva do Distrito Federal, o padrão de endividamento de suas empresas também é. Os dados mostram uma importância relativa muito maior para financiamentos de médio e longo prazos para as empresas do Distrito Federal, o que inclui, principalmente, o financiamento de infraestrutura, desenvolvimento/projeto e outros créditos. Já o capital de giro, voltado para o financiamento de curto prazo, tem uma participação menor entre o endividamento das empresas no Distrito Federal do que nas demais unidades federativas do país.

Ainda do ponto de vista do endividamento das empresas, observou-se uma tendência ao aumento do endividamento após a pandemia da covid-19, já que empresas precisaram utilizar mecanismos de crédito para suavizar os impactos da crise. Isso pode ser preocupante, considerando o aumento recente do custo do crédito no país, com a elevação das taxas de juros da economia pelo Banco Central.

A Sondagem da Indústria da Construção, realizada pelo Sistema Fibra no Distrito Federal, tem mostrado uma grande preocupação com o aumento de custos, com a falta de financiamento a longo prazo e capital de giro e com as elevadas taxas de juros. Dessa forma, é importante a atenção para esse aumento de custo de endividamento e seu efeito sobre a retomada das atividades produtivas, de modo que ele não dificulte ainda mais esse desempenho.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Visões diversas

Assédio, que os especialistas nessa modalidade de cerco costumam definir como conduta contumaz e abusiva por meio de gestos, atos, comportamentos e palavras, com o intuito de provocar danos à integridade física e psíquica de um indivíduo, pode ocorrer também quando indivíduos, por suas altas posições de mando, nas áreas política e econômica, passam a eleger uma instituição, ou grupo antagonico, como alvo de perseguições, visando descredibilizá-la perante a sociedade. Nesse caso, é o que, vulgarmente, se chama fritura. E é justamente isso que vem ocorrendo agora, envolvendo o atual presidente da República e seu grupo em relação à autonomia do Banco Central.

De fato, o Banco Central vem, desde o início do governo, sendo alvo das críticas generalizadas tanto do chefe do Executivo, que dá o tom aos comentários, quanto dos ministros e de toda a bancada petista que, em uníssono, reclama da independência da instituição e da gestão pessoal do atual presidente do Banco.

O que se tem aqui, mais uma vez, é a fritura de Roberto Campos Neto e de toda a sua equipe. A raiz do bullying contra o BC está na sua autonomia, regulada pela Lei Complementar nº 179 e pelo PLP 19/2019, que, na prática, elevou o BC à autarquia de natureza especial, desvinculando-o da tutela do Ministério da Economia e, portanto, do governo.

A simples ideia da emancipação e autonomia dessa importante instituição, que cuida tanto da estabilidade de preços como zela pela eficiência de todo o sistema financeiro, controlando a inflação e protegendo a moeda, vai totalmente contra o que seriam os princípios de todo e qualquer governo de esquerda, que tem no centralismo econômico político seu grande e único propósito.

O cerco ferrenho empreendido pelos petistas ao Banco Central tem como mote a taxa de juros, fixada hoje pelo Comitê de Política Monetária (Copom) e nominada como Taxa Selic, em 13,75%. No campo político e palanqueiro, o chefe do Executivo acusa, sistematicamente, Campos Neto de estar a serviço do governo anterior.

Por diversas vezes, o comando do BC tem alertado que as repetidas falas do atual governo e de membros de sua equipe não só têm atrapalhado a economia, como provocado estragos significativos na política econômica do Estado e no mercado.

Erroneamente, o chefe do Executivo diz que a atual gestão do BC trabalha contra o Estado e a favor do mercado financeiro. O que é uma acusação despropositada e, ao mesmo tempo, muito grave. O que se tem aqui são as razões conflitantes entre o que prometeu em campanha um candidato sem programa de governo e as diretrizes econômicas sérias e balizadas nos números frios da matemática financeira, feitas pela única instituição capaz de barrar as investidas de um governo que se move ao sabor das incertezas dos ventos.

O que não só o mercado teme, como os próprios brasileiros antenados nessa questão, é que o governo consiga, mesmo a duras penas, rever a independência do BC no Congresso. Como não possui ainda maioria no parlamento, o Executivo poderá recorrer direto para o Supremo Tribunal Federal, onde sabe que seus desejos são sempre aceitos.

Há, de fato, a possibilidade surreal do furo no teto de gastos, em mais de R\$ 200 bilhões, e do desmanche da Lei da Estatais para lotear politicamente, mais uma vez as empresas do Estado. A aposta agora é que a autonomia do Banco Central pode, nesse contexto, estar com os dias contados.

» A frase que foi pronunciada

“A ciência mais difícil é desaprender o mal.”

Antístenes

Esse mundo

» Esta é uma boa hora para se valer dos discursos antigos e atestar as metamorfoses de opinião. Basta dizer que, em um evento, as madames bolsonaristas e sulistas estavam separadas até que dona Lu Alckmin entra no recinto. As convidadas presentes deixaram a ideologia de lado e se renderam à elegância de dona Lu.

Pergunta que não quer calar

» Alunos da USP correm com um abaixo-assinado contra Janaína Paschoal. Segundo a advogada, eles não conseguem conviver com a divergência. Hoje em dia, quem consegue?

Inteligência Artificial

» Grupo que estuda regulamentação da IA no Brasil já tem decidido que o uso de câmeras governamentais para reconhecimento facial indiscriminado de pessoas que circulam nas ruas não será permitido. Também veda o estabelecimento de pontos para cidadãos que se comportam nas redes sociais como moeda para ter acesso aos serviços públicos.

Apelação

» Fakenews chama atenção com imagens de pessoas contra o governo fazendo gestos nazistas. Trata-se de gesto comum de imposição das mãos durante oração.

» História de Brasília

Depois de longos estudos, vários técnicos em solo chegaram à conclusão que a terra em Brasília é muito boa, e que a sua adubação ficará muito mais barata e será muito mais prática, do que a recuperação de solo cansado em outros estados. (Publicada em 15/3/1962)